

Graças de N. S. da Fátima no Brasil

(Continuação)

Difteria

De passagem por S. Carlos do Pinhal (S. Paulo) tive ensejo de ir visitar a S.ta Casa confiada às Irmãs da Imaculada Conceição. Depois de percorridas as várias dependências do edifício, leva-me a Superiora a visitar também uma nova gruta de Nossa Senhora de Lourdes que no dia seguinte ia ser inaugurada. De caminho ia-lhe eu falando da nossa «Lourdes Portuguesa» contando-lhe alguns dos casos mais maravilhosos por Nossa Senhora da Fátima operados cá mesmo no nosso meio.

Tanto bastou para ela me dizer: «Oh! se Ela nos valesse em dois casos graves que presentemente aqui temos!»

—Vamos tentar, lhe repliquei, que nenhum mal daí pode advir. Poucos passos adiante e estavam junto da janela de um quarto terreno onde, completamente desenganado dos médicos, se estava finando um menino de 7 anos, Milton Talarico, vítima de uma renitente difteria, que em 22 dias, apesar de todos os desvelos de médicos e enfermeiras, o tinha levado áqueles extremos, em que eu o pude observar com a mãe á cabeceira e o pai aos pés do leito, debulhados ambos em lágrimas á espera do desenlace. Procurei confortá-los exortando-os á confiança em Nossa Senhora da Fátima cuja novena com um frasquinho de água prometi mandar-lhes logo que chegasse a casa.

Eles e as Irmãs deram logo principio a uma novena e, mercê de Nossa Senhora, o menino começou a reanimar-se e a melhorar tão rapidamente que no domingo immediato, já se encontrava em sua casa na mais franca convalescença.

Tifo

O outro caso também grave de que me falava a dita Superiora, dizia respeito a uma religiosa, Irmã Eudoxia, que, tratando de uma outra que pouco antes morrera de tifo, se encontrava já sacramentada e sem esperança alguma de cura.

Desde logo toda a Comunidade começa uma novena a Nossa Senhora da Fátima, dando conjuntamente á doente umas gotinhas da água do Santuário, e o resultado idéntico ao do menino, foi que a Irmã, já sacramentada e desenganada, venceu a crise, cessou dentro em breve a gravidade de seu estado, nem tardou em manifestar as mais tranquilizadoras melhoras, seguidas muito antes da mais franca convalescença. Bem haja a Virgem Santíssima que assim vai nobilitando também cá no estrangeiro a nova «Lourdes Portuguesa»!

Ataques

Na cidade de S. Carlos — S. Paulo, tive ocasião de fazer uma conferência sobre Nossa Senhora da Fátima a um numeroso grupo de jovens de uma florescente Congregação Mariana.

No fim da Conferência chega-se a mim um desses rapazes pedindo uma novena, e, se fôsse possível, também um frasquinho da água do Santuário, porque, dizia, havia já anos que vinha sofrendo de uns ataques epiléticos que se repetiam com muita frequência, sem encontrar remédio eficaz, por mais médicos que tinha já consultado em S. Carlos, Campinas e S. Paulo.

Começa por essa ocasião uma novena a N.ª S.ª da Fátima tomando de cada vez umas gotinhas da água do Santuário, e o efeito não podia ser mais satisfatório, pois que nunca mais se lhe repetiram os mencionados ataques. Agora, dá honra e louvor a tão boa Mãe.

Um outro jovem, presidente da referida Congregação, andava em negocia-

— Maria da Conceição Martins Moreira e seu marido, de Fanzeres — Gondomar, achando-se ambos muito doentes recorreram a Nossa Senhora da Fátima, e tendo obtido a saúde vêm agradecer a Nossa Senhora o ter-lha alcançado.

— Manuel António Fernandes — Serêlha, agradece a Nossa Senhora diversas graças espirituais e temporais que da mesma Senhora recebeu.

— Maria do Resgate Marques — S. Vicente da Beira, sofreu dos pulmões durante muito tempo. Injeções, alimentação especial, resguardo, etc. nada lhe dava sensíveis melhoras. Durante nove meses esteve em Lisboa recebendo dum especialista diversos tratamentos. Depois desse tempo, desanimada resolveu ir para a sua terra porque, diz, preferia morrer no meio da sua família. Isto deu-se em 1926.

A vida, porém, foi-se conservando, de maneira que, embora no meio de mil dificuldades, resolveu ir ao Santuário da Fátima. Uma vez lá, Nossa Senhora compadeceu-se dela, dando-lhe a saúde de que tanto necessitava. Foi já examinada por 3 médicos que dizem não lhe encontrar vestígios da sua antiga doença.

ções com o pai para o deixar seguir a vida religiosa para que se sentia chamado. O pai, porém, que a principio se mostrava indeciso, por influência de terceiros, assentou em negar pertinazmente a pedida licença. Vendo assim frustrados os seus desejos, conhecido já o valor da intercessão de N.ª S.ª da Fátima, é para Ela que se volta implorando ardentemente a sua maternal protecção. Vendo perdidas todas as esperanças de bom êxito, resolve dar principio a uma novena a N.ª S.ª, ouvindo Missa e comungando nesse sentido desde o primeiro ao último dia.

O êxito foi o melhor que se podia esperar:—sendo até ali irrevogável a decisão do pai, quando no nono dia o filho ia a entrar em casa viado da Missa e Comunhão, o pai chama-o e apontando-lhe para a sua mesa de trabalho, diz: —toma aquella carta e lê. Era ela de um seu tio residente em S. Paulo, aliás bem alheio ás práticas da religião, e que, informado das intenções do sobrinho, por sua própria iniciativa escreve ao pai do jovem dizendo que de modo algum deve contrariar a vocação do filho para se não arriscar a ser a causa da sua e da infelicidade do filho.

Tanto pôs tiveram perante o pai tão inesperadas ponderações, que sem a menor objeção deu para logo a tão desejada licença. E de notar ainda que o ditito, na falta de recursos da parte do pai, se prontificava liberalmente a correr com todas as despesas.

Bem se pode imaginar, com tal successo, a intensa alegria do piedoso jovem. Aproveitando tão favorável oportunidade, deu pressa aos necessários preparativos e lá está já em Friburgo no Noviciado dos Padres Jesuítas da Província Italiana.

Alegre e feliz na sua nova vida, a N.ª S.ª da Fátima testemunha sua perene gratidão.

Neurastenia

Outro prodigio ainda operado em S. Carlos do Pinhal:

D. Maria Francisca do Amaral, de 71 anos de idade, residente á R. Alexandrina, 101, havia 3 meses que se achava doente, vítima dum cruel neurastenia nervosa que a forçava a guardar o leito, sem poder entregar-se a occupação de espécie alguma. Neste estado soffria por vezes crises em extremo violentas, que muito lhe intensificavam o sofrimento, fazendo também na devida proporção soffrer os seus. Era esta já a 2.ª vez que tinha dessas crises assim violentas. Informada disso a sua filha religiosa, manda-lhe uma novena de Nossa Senhora da Fátima para que por meio dela peça o seu restabelecimento, prometendo-lhe que alguns dias depois faria chegar ás suas mãos também um frasquinho da água do seu Santuário em Fátima.

Eu mesmo fui o portador desse frasquinho. Quando porém, de passagem por S. Carlos, lhe vou fazer uma visita da parte da filha religiosa, acho-a não só melhor mas quasi completamente boa, e com o tonar daí em diante a prodigiosa água se foi accentuando cada dia mais o seu restabelecimento, até se sentir, não muito depois, completamente boa, curada tanto mais para admirar quanto é certo tratar-se de uma doença hereditária que já havia vitimado várias pessoas da mesma família.

P.ª João de Miranda S. J. (continua)

—M.ª Francisca Ribeiro — Fortaleza

—Ceará, agradece uma graça.

—Maria Franco da Cunha, agradece outra graça.

—Francisca Onofre — Luixadá — Ceará, agradece a N.ª S.ª da Fátima três graças que lhe alcançou.

— Maria José Paiva — Aldeia do Mato, reconhecida a Nossa Senhora por muitas graças que lhe tem alcançado para si e para sua família, vem agradecer publicamente a Nossa Senhora tão valiosos favores.

— Joana Martins Cid — Crato, tendo alcançado de Nossa Senhora da Fátima a cura de uma doença que médicos julgavam incurável, vem agradecer tão grande favor.

— Maria Rosa — Sangalhos, teve um quisto sobre um olho. Receando a operação que lhe fôra aconselhada entregou-se á protecção de Nossa Senhora da Fátima, e obtida a cura que lhe pediu deseja a sua publicação no jornalzinho de N.ª Senhora.

— Amélia Conceição Gomes — Monte Funchal, achando-se quasi a morrer no Hospital dos Marmelheiros, agradece a Nossa Senhora da Fátima a grande graça de se encontrar já com perfeita saúde em sua casa junto de sua família.

— Salete Lopes Henriques — Nelas, vendo-se doente recorreu a Nossa Senhora da Fátima e tendo dela alcançado a saúde pedida vem agradecer esse favor.

Missões de Nossa Senhora da Fátima

AFRICA OCCIDENTAL PORTUGUESA (Angola)

Dio. Diostli ou Dio. Tuodewi

-Mata



Capela de Nossa Senhora da Fátima a 50 quilómetros de Luanda no lugar «Fazenda Tentativa» benzeida e inaugurada pelo Senhor Bispo de Angola e Congo

Transcrevemos a seguinte carta do Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor, D. Moisés, venerando Bispo de Angola e Congo, enviada ao Senhor Bispo de Leiria.

Luanda, 28 de Outubro de 1933

Ex.ª e Rev.ª Senhor,

Regressi há pouco a Luanda, depois de ter andado meses seguidos pelo interior de visita ás missões e principais localidades.

Gracias á protecção de Maria SS. tudo correu bem. No carro que me transportava havia sido fixado um medallão com a effigie de N.ª S.ª da Fátima e não foi em vão que se invocou a assistência da nossa Mãe do Céu.

A V. Ex.ª Rev.ª interessará particularmente saber que N.ª S.ª da Fátima é já muito conhecida e invocada por estas terras de Angola.

No planalto de Benguela uma missão fundada há poucos anos, mas já muito florescente, a missão da Grãda, é consagrada a N.ª S.ª da Fátima, e lá estão já iniciadas as obras para uma vasta igreja em sua honra.

Na região do Enclave, ao norte, uma aldeia importante convertida ao cristianismo e dependente da missão de Cabinda, é conhecida pelo nome de aldeia de N.ª S.ª da Fátima, sua Padroeira.

Tem capela provisória, no estilo das casas da terra, mas por ocasião da minha passagem já estava quasi pronta de paredes uma ampla igreja de tijolo. Com grande regozijo de todos os cristãos visitei essa aldeia e as obras, ficando logo combinado que iria lá celebrar, quando voltasse de novo ao Enclave.

Nas capelas-escolas do interior e nas casas dos cristãos encontrei frequentemente quadros e imagens de N.ª S.ª da Fátima.

Em várias partes, quando perguntava a alguma pequenina como se chamava, era frequente receber por resposta: «Maria da Fátima».

Passei o dia 13 de Julho em S. Antonio do Zaire, primeira terra a que apertou Diogo Cam. Durante muitos anos essa vila teve pároco. Hoje nem local lá se encontra para o culto!

Mas, nem por isso passou despercebido o dia 13. Armei o meu altar portátil e celebrei o santo sacrificio ao ar livre, rodeado de numerosa assistência. Não deixei de lembrar o que nesse mesmo dia e a essa mesma hora se estava desanrolando na Cova da Iria e todos orámos em união com tantos milhares de piedososromeiros, que aí invocaram com fé e confiança a protecção de Maria Santissima.

A confiança filial em Nossa Senhora manifesta-se dum forma edificante nestes pobres filhos da selva, há pouco baptizados, como por mais de uma vez tive ensejo de constatar.

Assim na visita ao Matimbe ainda se viu por a custo e á antiga, subindo e descendo montanhas abruptas, atravessando rios a vau e ladeando precipícios. Quando em sitios perigosos os carregadores se assustavam e receavam resvalar — em vez de qualquer exclamação vulgar — ai! ou cautela etc. ouvia-se-lhes simplesmente — Maria!

Domingo passado fui á Fazenda Tentativa, a 50 quil. de Luanda, inaugurar uma bela capela em honra de N.ª Senhora da Fátima. Depois da missa fui a Carito, povoação antiga com a sua igreja bem conservada, mas sem pároco há muitos anos, infelizmente.

Durante este tempo a multidão foi desfilaro diante do altar. A certa altura porém houve novidade. Um preto

abiu ao altar e abraçou-se á imagem de N.ª Senhora da Fátima! Foi preciso ter alguém de guarda até á noite para evitar que o caso se repetisse.

Que Maria Santissima se digne volver um olhar de maternal compaixão para estes pobres angolanos, não permitindo que Portugal católico os esqueça e abandone!

De V. Ex.ª Rev.ª, etc.
† Moisés, Bispo de A. e C.

AFRICA D'ESTE

No numero da «Voz da Fátima» de Dezembro referimo-nos á formação da Missão de Nossa Senhora da Fátima em Tanganika. Hoje descrevemo-nos o Rev.ª Abade beneditino, Superior da Missão, os

Primeiros mártires da missão «Fátima» na África oriental (Tanganika)

«Louvado seja N. Senhor Jesus Cristo!»

Lágrimas de alegria corriam dos olhos de Lúcio, um zeloso e heróico catequista numa das aldeias mais distantes da missão católica de Fátima. A minha promessa, feita há tempo, foi fielmente cumprida. Fátima, a missão de Naridembo, já foi inaugurada no dia 4 de Julho próximo passado.

Lúcio empreendeu uma viagem de dois dias para nos vir cumprimentar. «Deus seja louvado, exclamou elle, já temos um padre para santificar as nossas almas!»

Estas palavras saiam-lhe do mais intimo do coração.

Apoitou em seguida e pediu-nos a bênção para o bom êxito do seu apostolado. O seu trabalho era penoso e difficil (agora já não) entre monstros impedimentos que o perseguiram e lhe votavam um ódio salúbico por causa do seu apostolado. Nunca se queixava destas perseguições, limitando-se apenas a pedir-nos orações para que N.ª Senhora lhe desse forças para sofrer. As crianças amavam-no como a um pai.



O catequista Lúcio com seus alunos, trazendo ao pescoso um rosário e tocando um instrumento de música.

Esta fotografia é de Julho de 1933. Foi martirizado pela sua fé, sendo o primeiro mártir da Fátima. Ore a Deus por nós!...

A aldeia de Mwikande tinha um apóstolo inextinguível e zeloso. A 10 de Setembro passado, oito dias antes do meu regresso à Europa, chegou à missão um mensageiro triste e abatido. «Lúcio, diz ele, foi assassinado! A emoção impediu-o de continuar! Um pouco mais referido contou-nos o seguinte: Que Lúcio, ao regressar a casa depois da sua visita à missão, fôra encontrado com uma espátula ainda fresca onde repousava a pequena Melânia, sua filha de idade de 7 anos. Morrera quasi subitamente em consequência dum envenenamento. A arma de Mahomé é o veneno ministrado subtilmente. Apesar de todos os esforços, nenhum governo conseguiu até agora extirpar semelhante cancro. Foi esta a primeira vítima imolada a Cristo e a N.ª Senhora de Fátima.

Ainda o seu lar estava imerso em dor e luto, quando caiu a segunda vítima. Movições por ódio satânico, procuraram os mahometanos ferir o primeiro no seu amor de pai para, em seguida o assassinar também, propinando-lhe veneno na comida.

Sete horas durou a agonia do nosso herói, no meio de dores horripantes suportadas com resignação e inerteza submissa à vontade de Deus. Foram, pois, estes os primeiros mártires de Fátima.

Senhora, porque exigireis vós da nossa Missão acabada de fundar tantas e tão grandes sacri-fícios!

Mas não será isto uma grande graça de N.ª Senhora?

† Joachim Ammann O. S. B. Abade de Ndanda

VOZ DA FATIMA

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes DESPESA (Transporto, Papel, etc.), Donativos desde 15\$00, and a total sum of 422.733\$22.

Pôrto, 20\$00; M.ª Amélia Coutinho — Vouzela, 40\$00; José João Nunes — Beira — Africa Portg., 60\$00; Distrib. em Vara Cruz — Arouro, 20\$00; Maria Augt.ª Gomes — Viana, 20\$00; Francisco Vicente — Visou, 41\$55; «Ourivesaria Alcanças» — Pôrto, 50\$00; M.ª Amélia Guimarães — Estremoz, 15\$00; M.ª Rosa Matos — Estremoz, 25\$00; M.ª Isabel Russo — C. de Vido, 25\$00; Francisco Duarte — Lisboa, 15\$00; Ana Madeira Cardoso — Estremoz, 40\$00; Joaquim da Costa — Pôrto, 15\$00; José Maximiano — Almeirim, 20\$00; Alfredo Costa — Lourenço Marques, 20\$00; M.ª Rib. Silva — Pôrto, 20\$00; Brites Andorinha — Setúbal, 15\$00; Directora do Col. de S. Ana — Barcelos, 60\$00; Maria Cardoso — Estoril, 100\$00; Bernardo Fernandes — Lourenço Marques, 30\$00; Paulo Nazaré — Lourenço Marques, 15\$00; Sancha Monteiro — Lourenço Marques, 15\$00; Armando da Costa — Lourenço Marques, 20\$00; João Natividade — Lourenço Marques, 15\$00; Antoninho Sousa — Lourenço Marques, 15\$00; Cláudio Carraxo — Lourenço Marques, 15\$00; Inês Alvares — Lourenço Marques, 15\$00; Miguel Rodrigues — Lourenço Marques, 15\$00; João Fernandes — Lourenço Marques, 15\$00; Hipólito Gonçalves — Lourenço Marques, 15\$00; Lourenço Fernandes — Lourenço Marques, 15\$00; Gerardo Andrade — Lourenço Marques, 15\$00; Cetano Nazaré — Lourenço Marques, 15\$00; Benedito Menezes — Lourenço Marques, 15\$00; Maria Santana — Lourenço Marques, 15\$00; Lourenço Paulo Pinto, Lourenço Marques, 30\$00; Distrib. em Moncarapacho, 94\$00; Júlio do Assis — Macau, 100\$00; M.ª Urbano — Faro, 30\$00; Anónimo, 162\$50; André Chicorro — Monforto, 20\$00; M.ª R. Moura — Pôrto, 15\$00; Lucinda Maggiço — S. Tirso, 20\$00; José de Oliveira — Quintás, 15\$00; António Estrócio, 1/2 libra; José F. de Jesus — Brasil, 20\$00; João Custódio — Moledo, 30\$00; «Uma devota» — Montemor, 20\$00; Distrib. em Fragoço, 22\$50; M.ª Barão — Armação de Pera, 28\$00.

CONFRARIA DE N.ª SENHORA DA FATIMA

Como tem sido feito nos anos anteriores, em Janeiro, também neste vimos perante todos os leitores de «A Voz da Fátima» e duma maneira muito especial, perante os membros da Confraria de Nossa Senhora de Fátima, apresentar as contas do rendimento, dos anuais durante o ano de 1933, e mostrar o modo como tal quantia foi empregada.

Durante o ano de 1933 o rendimento total foi de 7.343\$85; um pouquinho mais do que o ano anterior, graças a Nossa Senhora e ao zelo dos bons colectores.

Durante todo o ano, com correspondências e a impressão de 2.000 patentes foi gasta a quantia de 104\$00, ficando por conseguinte, um saldo positivo de 7.239\$85.

Certamente é já de todos os azas sabido qual a aplicação do produto dos anuais dos confrades: — depois de deduzidas as despesas feitas com a gerência da Confraria, o saldo positivo, se o houver, é dividido em duas partes iguais uma das quais é reservada ao culto de Nossa Senhora da Fátima, e com a outra serão mandadas celebrar Missas por todos os confrades vivos e defuntos.

Os membros da Confraria de Nossa Senhora da Fátima não têm missas individuais depois da morte, mas todos os anos têm parte nas que por todos são celebradas, pelos vivos e pelos defuntos.

No ano de 1932 foram, celebradas por todos 649 missas, como foi publicado em «A Voz da Fátima» em Janeiro de 1933.

Com metade do produto dos anuais deste último ano de 1933 foram já celebradas algumas missas e vão ser celebradas ainda outras até perfazerem o número de 603 applicadas todas elas pelos confrades que pagaram os seus anuais durante o ano findo.

Não fica em caixa dinheiro, absolutamente algum porque o fim desta confraria é única e exclusivamente promover o culto de Nossa Senhora da Fátima e alcançar graças espirituais para os seus confrades.

Que Nossa Senhora os cumule a todos de bênçãos são os nossos maiores desejos e sinceros votos.

Duma maneira muito especial, queremos agradecer aqui aos bons e dedicados colectores todos os trabalhos que têm tido na sua espinhosa missão, cujo desempenho exige por vezes um zelo e uma paciência verdadeiramente heróicas.

Notas sobre a doença e morte de Jacinta Marto, uma das videntes de Fátima — pelo distinto Médico Dr. EURICO LISBOA

Em meado de janeiro de 1920 fomos à Cova da Iria, por termos resolvido que seria com uma tal viagem que iniciariamos o uso do automóvel que, havia poucos dias, compráramos.

De passagem por Santarém fomos cumprimentar o Rev.º P.ª Dr. Fermigão, que sabíamos ser quem nos poderia instruir sobre tudo o que se tinha passado em Fátima, o de que tinha sido testemunha presencial.

O Sr. Dr. Fermigão, que só então tivemos o prazer de conhecer, iniciando-nos assim a firme amizade que nos liga, teve a gentileza de nos acompanhar a Fátima, sendo por seu intermédio que conhecemos as pequenas videntes Lúcia e Jacinta.

Depois de termos ido à Cova da Iria com a Lúcia, e termos, sob a sua direcção resado o terço, com uma inesquecível ternura e devoção, regressámos a Fátima, onde estivemos falando com a Jacinta e com as mãos das duas videntes.

Disseram-nos então que o pequeno Francisco, também vidente, tinha sido vítima da célebre epidemia de gripe pneumónica, que em toda a Europa fez grande mortandade, tendo assim ido já ter com Nossa Senhora, o que, desde as aparições, constituía para elle a maior aspiração, recusando-se sempre a aceitar quaisquer auxilios ou ofertas que lhe proporcionavam as pessoas que nos dias das aparições lhe falavam, ambicionando só a morte como a maior ventura.

A pequena Jacinta estava muito pálida, magrita, andava com dificuldade, dizendo-me a família que elle estava muito doente, o que os não contrastava, pois a maior ambição da Jacinta era ir também para Nossa Senhora visto que era esta a vontade da Mãe-Rainha do Céu, que já tinha levado o Francisco.

Consurando-os eu por não empregarem todos os esforços para darem saída à Jacinta, disseram-me que não valia a pena, porque era desejo de Nossa Senhora levá-la, e que já tinha estado no Hospital de Vila Nova de Ourém durante 2 meses, sem que tivesse obtido quaisquer melhoras.

Repliquei-lhes que a vontade de Nossa Senhora é superior a todas as forças humanas, e que, para terem a certeza de que do facto Nossa Senhora a queria levar, deviam esgotar todos os recursos científicos para lhe conservarem a vida.

Excitados por este meu conselho foram ouvir a opinião do Sr. Dr. Fermigão, que estava ali perto, o que reforçou o que eu dissera, ficando logo combinado que viria para Lisboa, onde, num hospital, se entregaria aos cuidados dos melhores clínicos.

Efectivamente poucos dias depois, no dia 2 de fevereiro de 1920, deu entrada no Serviço N.º 1 do Hospital D. Estefânia, occupando a cama n.º 32, e ficando a ser tratada sob a direcção do Sr. Dr. Castro Freire, um dos mais distintos pediatras portugueses, sendo admitida com o diagnóstico: — «Pleurisia purulenta da grande cavidade esquerda, fistulizada; osteite das 7.ª e 8.ª costelas do mesmo lado».

Antes de dar entrada no Hospital esteve hospedada, com a mãe, numa casa de pessoas religiosas, dirigida pela Sr.ª D. Maria da Purificação, na Rua da Estrela, 17, junto à Capela dos Milagres.

Aí foi visitada por várias pessoas, entre as quais a Sr.ª D. Amélia de S. André e Castro, que ainda recorda a impressão que lhe deixou a forma como a pequenita Jacinta lhe falava. Assim, era a vidente de tais escrúpulos que, tendo-lhe a Sr.ª D. Amélia de S. André e Castro pedido para resar pela sua saúde, então abalada, não conseguiu obter da pequenita, esse compromisso, com receio de se esquecer, e não querer dessa forma faltar à sua palavra. Só depois de repetidas vezes ter resado por essa intenção, é que disse o que fizera.

Durante a permanência no Hospital recebeu frequentemente a visita da Sr.ª D. Maria da Purificação, que me procurava amuadadas vezes para me dar notícias do que se ia passando.

Fui então informado de que era grande o sofrimento da pequenita, mas que soffria sempre com grande resignação.

Certo dia, 3 ou 4 depois de ter dado entrada no Hospital, contou a pequenita que, quando as dores eram mais violentas, lhe appareceu Nossa Senhora, a qual lhe revelou várias instruções, falando com frequência a Jacinta na necessidade de se aperfeiçoar a moral das mulheres, diminuindo o exagêro das modas.

Car o distrair-se, o que fazia passando pela vista varias estampas religiosas, uma das quais a do. Nossa Senhora do Sameiro — que mais tarde me ofereceram como recordação da Jacinta — e que ella dizia ser a que mais lhe fazia lembrar a Senhora Aparecida.

Várias vezes fui informado de que a pequenita desejava que eu lhe fosse fazer uma visita, porque pretendia revelar-me um segredo.

Como as minhas occupações clínicas eram muitas, e como as notícias que me chegavam eram que a Jacinta estava um pouco melhor, não me apressei e infelizmente não a fui visitar, reservando-me para mais tarde.

Na tarde do 20 de fevereiro, 6.ª feira, pelas 6 horas da tarde, a pequenita disse que se sentia mal e que desejava receber os Sacramentos. Foi chamado o dignissimo prior da freguesia dos Anjos, Sr. Dr. Pereira dos Reis, que a ouviu de confissão, cerca das 2 horas da noite.

Disseram-me que a pequenita insistia para que lhe levassem o Sagrado Viático, com o que não concordou o Sr. Dr. Pereira dos Reis, por a ver aparentemente bem, prometendo levar-lhe Nosso Senhor no dia seguinte.

A pequenita insistiu em pedir a Comunhão, dizendo que morreria em breve. E efectivamente pelas 10 1/2 da noite falleceu com a maior tranquillidade, sem ter commungado.

Avisei no dia seguinte, de manhã, do que se tinha passado, falei com a Sr.ª D. Amélia de S. André e Castro, que diariamente frequentava o meu consultório, para tratamento de uma doença de olhos do que soffria.

Com a maior solicitude fui pedir à falecida Sr.ª Marquiza de Rio Maior, e à Sr.ª Marquiza do Lavradio, suas Primas, sendo-lhe dado pela primeira destas senhoras um vestidinho do primeiro commhão, que servia a crianças pobres da sua freguesia, e pela segunda roupas brancas e dinheiro para comprar uma fita de seda azul, com o que foi amortalhado o corpinho da Jacinta, que dissera desejar ser amortalhada de branco e azul como Nossa Senhora.

Informadas algumas pessoas do falecimento da Jacinta, rapidamente appareceram varios donativos para as despesas do funeral, que se fixou para o dia seguinte, domingo, ás 12 horas, para ser transportado o corpinho para um dos cemitérios de Lisboa.

Quando o foreiro saía da casa mortuária do Hospital, lembrei-me de que podia haver mais tarde conveniência em depositar o corpinho nalgum sítio especial, caso se confirmassem as Aparições, se desfizesse a quasi geral incredulidade nelas, e a Autoridade Ecclesiastica desse a sua approvação e reconhecimento.

Foi então resolvido que o caixão com o corpo da Jacinta fosse depositado na Igreja dos Anjos, até que se resolvesse a sua remoção para algum jazigo.

Fui então procurar o meu querido amigo, Sr. Dr. Pereira dos Reis que mostrou ter dificuldade em receber o depósito na sua Igreja, o que aliás me foi immediatamente facilitado por uns Irmãos de Santissimo Sacramento que, por acaso, estavam na Sacristia da Igreja, com o que depois concordou o Sr. Dr. Pereira dos Reis.

Pouco depois da entrada na Sacristia o caixãozinho, ficando muito modestamente collocado em cima de 2 pequenos bancos, num canto da Sacristia.

Conhecido o facto, o que rapidamente se transmitiu de boca em boca, começou a formar-se uma romaria de crentes nos successos de Fátima, que iam com terços e imagens para tocar nos vestidos da pequenita e para rezarem junto d'ella, o que muito torturou o Sr. Dr. Pereira dos Reis, que não desejava que a sua Igreja fosse profanada com o que podia ser uma paganização, obrigando-o a actos de energia, que muito surpreenderam as pessoas que o conheciam como sacerdote inexcedivelmente amável, delicado e cortez.

Tendo resolvido que o depósito se fizesse num jazigo em Vila Nova de Ourém, tudo se foi preparando com esse fim, o que demorou uns 2 dias, ficando para 3.ª feira, ás 4 horas da tarde, o funeral da Igreja dos Anjos para a estação dos Rocio, para seguir num dos primeiros comboios para Vila Nova de Ourém.

Entretanto o corpinho continuava no caixão aberto, o que provocou grande inquietação no Sr. Dr. Pereira dos Reis, que receava a intervenção das autoridades sanitárias, e continuava a ser incomodado com a romaria de visitantes, o que o levou a fechar o caixão no Cartório para evitar essas visitas.

a criança, depositou o corpo do Despacho da Irmã, e da sacristia, fechoz 2 portas e a respectiva chave ao Sr.º. Amaló de Almeida, sócio da Almeida & Quintas, agentes da Rua da Escola Politécnica, tinham sido encarregados de serem.

O Sr. Almeida recorda-se que, com grande precisão, de t.º então se passou.

Para satisfazer ordeiramente, meros pedidos que lhe faziam a criança, esteve durante todo o fevereiro na Igreja, e acompanhando cada um dos grupos que reunia, mas cujo número foi limitado, para os poder evitar assim algum descasto, e não se passasse dar.

Ficou porém admirado do grande devocio com que acari-bojavam o corpinho, na f.ª mãos, recordando-se ainda na da cor rosada das faces do caixão dava a impressão de estar com vida, e não esquecendo o ma que o corpo exalava.

Finalmente, na 3.ª feira, 24 de febreiro, ás 11 horas da manhã, o meio depois do falecimento, cada o corpo do corpinho dum ca-chumbo e este encorçado, tendo da a este ato, além do soldado Sr. Almeida, as autoridades das senhoras, entre as quaes D. Maria de Jesus do Oriol.

leceida há cerca de um ano, que a várias pessoas, que ainda he-dem testemunhar, que a morte pelo corpo, no acto de encerrar era agitada como se fosse muito extranho attendendo à purulenta da doença e ao largo de tempo que esteve insepulto.

E na tarde desse dia realizou-se a p.ª, de baixo de chuveiro grande acompanhamento, com-se o caixãozinho depositado no do Sr. Barão de Alvaizere, Nova de Ourém.

Por interessante coincidência zou-se, no dia do funeral da uma das assembleias gerais da Confraria do S. Vicente de que eu devia assistir.

Na seguinte assembleia as mesmas conferencias julguei me justificar a minha falta, dizendo que uma obra de misericórdia pedira de comparecer na ante que esse obra tinha sido tratado normal de uma das videntes de Fátima.

Essa declaração provocou um llhada quasi geral da assembleia, como é natural, tomavam pessoas muito categorizadas e católico do patriarcado, e entre os membros da família P.º, um dos quaes, em seguida, uma applicação publicara num artigo mostrando a sua incredulidade em factos então passados de applicação, e que, até jornaes de descreveram como inexplicáveis brentarais.

A essa gargalhada de Emiñencia o Senhor D. António Mendes Dias, que a assembleia, e a cuja diocesia era então a região de Fátima, criou a nota diocese de Leiria, «e não porém mais tarde S.º» a declarada grande admirado tina e ter todo o desejo de não som ter celebrado missa no a Igreja que se está construindo, da Iria.

E curioso e conveniente recordo factos que mostram bem a acia e resistência que houve em do clero e católicos portug.º, acreditar nos successos de Fátima e raros os procureros na sua dado, devendo entre estes desta Sr. Dr. Formigão, que assistiu rições, testemunhando-as e d tando-as, e o venerando o v.º Padre Cruz, que tenho visto e ma desde as minhas primeiras esse lugar, o a quem pela prin.º ouvi, publicamente numa Igreja, boa, numa exortação para que a Nossa Senhora do Rosário e ma, no tempo em que a gen.º do clero tinha receio de ext.º qualquer sentimento do creº que já podesse ter.

Passados anos, e ainda hoje, uma grande consolação por ter tribuído para que a pequena viesse falecer num Hospital de sob a vigilância o assistencia.ºcos, os mais distintos, e do p.º enfermagem o mais competentes talvez não soubessem quem era quem doente, por se poder as a maior facilidade, destruir a calúnia que se tem espalhado já por três vezes ouvi repetir soas dos mais diversos e afastados de Portugal, de que as m.ºs videntes, Francisco e Jac.ºram provocadas pelos católicos, sem eritarem que haja quem o ga e desminta qualquer affirm.º Lucia sobre as Aparições.